

REFLEXÕES SOBRE O ARMÁRIO: TRAMAS, RESISTÊNCIAS E (IN)VISIBILIDADES

Robson Aparecido da Costa Silva¹ e Marcos Ribeiro Mesquita²

Resumo

O presente artigo objetiva trazer à tona um debate introdutório em relação às questões político-acadêmicas que permeiam as discussões relativas ao armário entre pesquisadores. Neste estudo, o armário é compreendido enquanto um mecanismo de regularidade de vidas LGBTQIA+, um dispositivo epistemológico que forja constantes fluxos e tramas de privilégios, visibilidade e hegemonia de valores às pessoas cis e heterossexuais. Uma estrutura regulatória de nível individual e coletivo, não apenas das dissidências de gêneros e das sexualidades, que define modos de sociabilidade público-privado, ancoradas no binarismo homo/hétero e na heteronormatividade compulsória; além de produzir regimes históricos de (in)visibilidades que vão adquirindo novas configurações de um contexto para outro e forjando sistemas micro e macropolíticos cujas diretrizes podem mudar entre pessoas que nele vivem e resistem às opressões, violências e atos discriminatórios. O estudo traz enquanto norte metodológico, a revisão bibliográfica da literatura acerca do tema, tendo como base de análise diferentes marcadores sociais da diferença para se refletir sobre o armário. Como principais reflexões podemos afirmar que muitos estudiosos vislumbram o armário enquanto racialmente não-marcado, refletido apenas pelo olhar do gênero e da orientação afetivo-sexual; que esse dispositivo não produz apenas opressão e sofrimentos, uma vez que, o armário também se faz trincheira, abrigo, para muitas/os que nele habitam, se resguardam ou se movimentam entre o entrar e sair, vice-versa. Por fim, cumpre dizer, que ele é um conceito guarda-chuva, capaz de abarcar e/ou aglutinar uma multiplicidade de experiências de vida, de modos distintos, entre diferentes pessoas que nele vivem, um mecanismo capaz de regular o controle de vidas, inclusive LGBTQIA+, mesmo depois de terem se assumido, e construir para elas diretrizes conectadas a trajetória de vida de cada qual sobre as sexualidades.

Palavras-chave: Armário; Epistemologia; Dissidências de gêneros e sexualidades; Marcadores sociais da diferença.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Psicólogo e Pesquisador vinculado ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (Nuh/UFMG) e ao Núcleo de Estudos em Diversidade e Política (EDIS/UFAL); integrante dos Grupos de Pesquisa em Relações de Gênero Sexualidade e Saúde (DADÁ/UFRPE-UAST) e em Artes, Culturas Contemporâneas e outras Epistemologias (MACONDO/UFRPE-UAST).

² Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Alagoas (IP-UFAL), Maceió. Coordenador do Núcleo de Estudos em Diversidade e Política (EDIS).



REFLECTIONS ON THE CLOSET: FRAMES, RESISTANCES AND (IN)VISIBILITIES

Abstract

This objective article outlines an introductory debate in relation to political-academic issues that allow discussions regarding the closet among researchers. In this study, the closet is understood as a mechanism for regularizing LGBTQIA+ lives, an epistemological device that forges constant flows and plots of privileges, visibility and hegemony of values for cis and heterosexual people. A regulatory structure at an individual and collective level, not just for gender and sexualities, which defines modes of public-private sociability, anchored in the homo/hetero binary and compulsory heteronormativity; in addition to producing historical regimes of (in)visibilities that acquire new configurations from one context to another and forge micro and macro political systems whose guidelines can change between people who live in it and resist oppression, violence and discriminatory acts. The study uses, as a methodological guide, a bibliographical review of the literature on the topic, based on the analysis of different social markers of difference to reflect on the closet. As main reflections, we can say that many scholars envision the closet as racially non-marked, reflected only by the look of gender and affective-sexual orientation; that this device does not only produce oppression and suffering, since the closet also becomes a trench, a shelter, for many/those who inhabit it, protect themselves or move between entering and leaving, vice versa. Finally, it should be said that it is an umbrella concept, capable of encompassing and/or bringing together a multiplicity of life experiences, in different ways, among different people who live in it, a mechanism capable of regulating the control of lives, including LGBTQIA+, even after coming out, and building guidelines for them connected to the life trajectory of each one on sexualities.

Keywords: Closet; Epistemology; Dissidence of genders and sexualities; Social markers of difference.

1. O armário

O presente trabalho parte de uma revisão bibliográfica da literatura, para refletir sobre o armário, enquanto um regime de controle e regulação que tanto captura quanto agencia pessoas que nele habitam, produzindo configurações outras e singulares a partir de diferentes marcadores sociais da diferença. Objetiva, portanto, trazer à tona um debate introdutório em relação às questões político-acadêmicas que permeiam as discussões relativas ao tema em questão entre pesquisadores. Esses debates têm focalizado, por sua vez, uma especial atenção ao armário enquanto modo de opressão, discriminação e sistema coercitivo que afeta e impõe sanções normativas para pessoas não heterossexuais; assim como, fabricado para tais regimes históricos de (in)visibilidade que se codificam com o passar dos tempos (Villaamil, 2004;



Miskolci, 2009; 2012; 2013; Martins, 2010; Mota, 2014; Lanz, 2015; Novo, 2015; Carmo 2017; Oliveira, 2019).

Essa teoria do conhecimento denominada pela pesquisadora e teórica *queer*, Eve Sedwick, de armário ou “segredo aberto”, não é um tema acabado ou datado de conhecimento (Sedwick, 1990); haja vista que os saberes sobre ele continuam adquirindo novos contornos e/ou configurações com o passar dos tempos e não foram forjados necessariamente enquanto uma discussão acadêmica, social e política com data marcada, ou seja, não se sabe ao certo quando esse debate propriamente dito foi iniciado.

O armário também não é algo exclusivo de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, intersexualidades ou *queers*, entre outras expressões e compreensões utilizadas por autores, como fez a própria Eve Sedwick (1990), quando utiliza “armário gay” em alguns momentos da sua pesquisa sobre a epistemologia do armário para caracterizá-lo ou defini-lo. Esse dispositivo³ é um conceito guarda-chuva, capaz de abarcar e/ou aglutinar uma multiplicidade de experiências de vida, de modos distintos, entre diferentes pessoas que nele vivem, inclusive para cis e heterossexuais (Santos; Neto, 2015).

Assim, não se trata de múltiplos armários conforme salienta Silva (2019), como se houvesse um “armário gay”, um “lésbico”, outro “trans”, etc.; o armário é um só enquanto questão epistemológica. O que nele se constitui múltiplo são as afetações, experimentações, vivências e entrecruzamentos interseccionais que ecoam na vida de cada pessoa que no armário habita; (re)produzindo um conjunto de regras, normas e códigos que se entrelaçam na intenção de o manter e salvaguardá-lo.

Megg Rayara de Oliveira, no III Colóquio Psicologia, Política e Sexualidades da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP, nos chama a atenção e nos convoca a refletir acerca da existência de configurações do armário para as pessoas cisgêneras e heterossexuais. Segundo ela, muitas práticas sexuais não hegemônicas, como o clube de *swing*, chuva dourada, sadomasoquismo, entre tantas outras que são utilizadas também por pessoas heterossexuais são atravessadas no/pelo armário de algum modo (ANPEPP, 2021). A autora nos indaga sobre o porquê somente as pessoas LGBTQIA+ precisam ser emancipadas do armário e destruí-lo; ela também aborda que existe dentro dele um espaço para todo mundo habitar em algum momento da vida, pois este dispositivo não é constituído

³ No decorrer da obra “A epistemologia do armário”, Sedgwick (2007), utiliza o vocábulo dispositivo enquanto sinônimo de armário; deixando evidente, desse modo, a influência das teorias e ideias foucaultianas em seu arcabouço teórico. Portanto, consoantes com a autora, no decorrer deste artigo também faremos jus a tal expressão, já que ela é capaz de refletir e problematizar as diversas configurações de dominação através do saber e do poder dentro do corpo social. Por isso, a partir do Michel Foucault, compreende-se neste trabalho por dispositivo um conjunto elementos heterogêneo presentes na sociedade, com configurações específicas acerca de formas de domínio através do saber e dos modos de instituição do poder. Envolve desde discursos, enunciados científicos, proposições morais e filosóficas a decisões regulamentares e administrativas, leis (Foucault, 2000).

apenas por problemas, conflitos, sofrimentos; é também trincheira capaz de abrigar e proteger muitas pessoas.

Entretanto, vale nos perguntar nesse momento porque a literatura científica não trata de refletir ou problematizar as configurações do armário voltadas para as pessoas cis e heterossexuais? Acerca desta indagação Gracielle Santos e Francisco Neto (2015), reiteram que:

O sujeito heterossexual pertence à norma, ele não necessita do armário para resguardar sua sexualidade – pelo menos não da mesma forma que os demais. Sua sexualidade já é subentendida pela repetição performática que mantém sua suposta “identidade de gênero”. O armário heterossexual não é lugar de “esconderijo” da sua sexualidade, mas de possíveis descontinuidades das suas performances eróticas que podem ser percebidas por outros heterossexuais como perversões, como no caso do sadomasoquismo, do *swing*, do *bunkake*, do *culckod* etc., práticas que facilmente poderiam ser classificadas como doentias e desviantes da moral e “conduta saudável” da heterossexualidade. Entretanto, a discussão voltar-se-á para os armários daqueles que performatizam seu gênero paralelamente à heterossexualidade. Focar o armário heterossexual é uma forma de dizer que a opressão heteronormativa não incide apenas sobre os não-heterossexuais, mas também sobre os próprios heterossexuais, regulando, autorizando, ou não, suas práticas eróticas (Santos; Neto, 2015, p. 1).

Sendo assim, Gracielle Santos e Francisco Neto (2015), pontuam questões extremamente importantes que se somam às realizadas por Megg Rayara de Oliveira, acerca das configurações do armário para as pessoas cis e heterossexuais; o que nos conduz a expressar que o armário é uma teoria do conhecimento construída no decorrer da história que gera formas de controle e significação social para todas as dissidências de gêneros e das sexualidades, sendo capaz de manter e reforçar privilégios à heteronorma (Sedwick, 1990; Martins, 2010); além de também regular vivências, experiências e/ou práticas afetivo-sexuais das pessoas heterossexuais e cisgêneras.

Desse modo, essas formas de significação social propiciam segundo Evy Sedwick (2007, p. 21): “estruturas narrativas tão elásticas e produtivas [que] não afrouxará facilmente seu controle [...]”; onde o processo de construção delas é fortemente afetado pelo armário através de práticas sociais, linguísticas, discursivas e corporais que auxiliam a estruturação de binarismos, como o público/privado, primazia da heterossexualidade; além de produzir regimes de contradições, de interdição e regulação, de acordo com o Michel Carmo (2017).

Outra questão importante acerca do armário é que as experiências vividas nele não são, nem estão dadas, como se as suas configurações estivessem universalmente postas do mesmo modo em cada contexto em que ele se faz presente. Um exemplo disso, pode advir da sociabilidade via internet, quando entendemos que ela colabora para ampliar as possibilidades de

encontros, trocas, vivências e experimentações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo (Miskolci, 2009; Zago, 2013), em muitos lugares; porém com diretrizes diferentes entre estes territórios, onde cada qual tece ou vive sua experiência do armário.

Em contextos mais interioranos, por mais que essa dinâmica possa apresentar questões similares aos meios urbanizados, existe uma gama de fatores relacionados ao acesso e à velocidade da conexão via internet que produzem diferenças; assim como existem outros elementos de gênero, classe, raça, religiosidade que se entrelaçam a essa dinâmica a partir do contexto. Pois, como salienta Passamani (2007), em uma pesquisa realizada em contexto interiorano, existe muita repressão à sexualidade advinda da cultura familiar arraigada, de valores conservadores e da moral religiosa cristã nesses lugares.

Ademais, não se pode esquecer, que geralmente, as pessoas de lugares pequenos, interioranos e/ou rurais, praticamente se conhecem, dificultando assim a busca de relacionamentos ou vivências sexuais com/entre pessoas LGBTQIA+. Pois, como afirmou Antônio César Santos no VII Encontro Abrapso Nordeste⁴ sobre a experiência do armário por jovens em contextos interioranos e/ou rurais, esses jovens possuem uma dependência financeira muito forte dos pais ou responsáveis, o que geralmente, se constitui mais um desafio e entrave para que a saída do armário se dê; trata-se antes de tudo de uma questão de sobrevivência. Além disso, muitos dos que conseguem sair do armário acabam sendo forçados a viver em outros lugares, longe dos seus lares comunitários de origem (ABRAPSO, 2021).

De acordo com a pesquisadora Megg Rayara de Oliveira (2020), para esses corpos que são forçados a sair de cena, em decorrência da manutenção da ordem cis e heterossexual, a cidade grande surge como uma possibilidade e lugar de existência, mesmo que demore um certo tempo para tais corpos romperem com normas de condutas que foram impostas.

Megg Rayara de Oliveira (2020, p. 146), ainda nos diz, que “o armário tende a ser mais resistente e durável em cidades menores, com tradições rurais e religiosas cristãs. Nessas sociedades, o binarismo de gênero e a norma cis e heterossexual são tratados como verdades incontestes”; assim como exercem “um controle muito maior sobre os corpos e as sexualidades e raramente possibilitam a emergência da bicha” (p. 150). Pois, “a família, mais que a escola e a igreja, fornece os primeiros materiais e as ferramentas para a construção do armário e atua para preservá-lo” (p. 147), criando assim prisões subjetivas fortemente configuradas por preceitos cis masculinos ou de masculinidade hegemônica⁵ que engendram também o armário.

⁴ Evento científico-acadêmico da Regional Nordeste da Associação Brasileira de Psicologia Social, realizado de 05 a 08 de agosto de 2021, de modo virtual (online) e tendo como tema: Psicologia Social & Luta Antirracista: reflexões e estratégias ético-políticas a partir da interseccionalidade.

⁵ Conjunto de configurações e práticas que coloca o homem no lugar de dominante na sociedade e subjugam as mulheres e outros modos de ser homem para além da cisgeneridade (Connell; Messerschmidt, 2013).

2. Dentro ou fora no armário: movimentações únicas de quem habitam o “segredo aberto”

Luiz Felipe Zago (2013) enuncia que o armário é algo profundamente ambíguo. Estar dentro ou fora dele, permanecer enrustido ou não, são movimentações únicas para cada ser que o tem na vida; visto que o "assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro" (Sedwick, 2007, p. 40); assim como não se constitui uma decisão individual, tão pouco a escolha para tal depende de coragem ou capacidade daquela/e que o habita.

Em muitas ocasiões o sair do armário, inclusive não é capaz de resolver todas as questões que perpassam o “segredo aberto”, muito menos de romper com as barreiras que o constitui teoria do conhecimento epistemológico, dado que não se trata apenas do sair do armário, do libertar-se, do assumir-se publicamente. Às vezes as pessoas até se assumem, entretanto, encontram todo um sistema social que impõe limitações outras; que por sua vez, as empurram contra a própria vontade ao armário, também regido pelo silêncio.

Por isso, não se pode sair afirmando por aí que as pessoas LGBTQIA+ não saem do armário porque não querem. Nesse momento cabe dizer de acordo com Letícia Nascimento, que o papel da sociedade, dos movimentos sociais LGBTQIA+ seria “[...] construir uma sociedade onde as pessoas se sintam mais confortáveis a sair do armário se elas desejarem, inclusive porque podem haver pessoas que desejam permanecer no armário” (ABRAPSO, 2021). A pesquisadora ainda salienta, sem querer romantizar o armário, que ele também produz vida e movimentações de prazer para as pessoas que nele estão e não querem dele sair, no sentido de assumir sua orientação afetivo-sexual ou identidade de gênero; aproveitando até mesmo as pequenas aberturas do armário para experimentações afetivas e sexuais dissidentes, já que ele mobiliza diferentes debates entre o público e privado, individual e político (ABRAPSO, 2021). Mas, vale ressaltar que essa produção de vida e prazer, explicitada por Letícia Nascimento, não está isenta em produzir opressões, preconceitos e atos discriminatórios.

Outro fator digno de nota sobre a ideia apresentada por Letícia Nascimento é que tais reflexões perpassam discussões sociais entre pessoas LGBTQIA+; evidenciando assim, que o armário, em algum ponto, também passa a impressão para aquelas/es que vivem dentro dele, vislumbres enganosos de proteção e segurança, fruto das artimanhas do poder que o constituem e o forjam. Em consonância a isso, Letícia Lanz (2015), afirma que o armário estimula uma ilusória ideia de segurança e invisibilidade para aqueles que buscam se defender das rejeições advindas de familiares, das instituições e do âmbito religioso, resultante de imensos estigmas que pairam na sociedade e obrigam a pessoa que nele se refugia a constantes fiscalizações e permanente vigilância de si. Para a autora, essa aparente segurança logo se transforma em práticas estressantes, conflitivas, comprometedoras da saúde mental e, por conseguinte, da qualidade de vida (Lanz, 2015).

Nessa perspectiva, o armário se apresenta como ambiente de negação da orientação sexual e identidade de gênero que legitimam as concepções cis e heteronormativas e *locus* ilusório de uma suposta segurança que acarreta consequências psicossociais a quem nele se refugia, podendo, de acordo com Marina Castañeda (2007), internalizar um sentimento de culpa ou inferioridade, além de incapacitar laços sociais necessários para a vida em sociedade.

Vale afirmar ainda que tal movimentação presente no armário, entre o entrar e sair dele, mesmo que de maneira provisória e/ou momentânea, não deixa de ser uma estratégia de enfrentamento encontrada por algumas pessoas que preferem viver nele sem precisar se assumir publicamente; seja, dentre aquelas que detêm o privilégio de viver abertamente, no espaço público, a sua orientação afetivo-sexual e/ou identidade de gênero, como também daquelas que a vivem em segredo, ou seja, no privado. Desse modo, o segredo aberto continua existindo e influenciando as relações e vivências das pessoas LGBTQIA+ independentemente de estarem dentro, fora ou se movimentando no armário.

A revelação da saída do armário por uma dada pessoa pode acarretar um desconhecimento poderoso; não enquanto um vazio, “mas como um espaço epistemológico pesado, ocupado e consequente” (Sedwick, 2007, p. 35), tendo em vista a construção do preconceito e da discriminação para com as pessoas LGBTQIA+ no decorrer da história.

Esta discriminação opera via código de valores hegemônicos que legitimam a cisheteronormatividade e a heteronormatividade enquanto normas vigentes das sexualidades e gêneros a serem seguidas; além de outros processos históricos, como o do estigma decorrente da epidemia de Aids, entre as décadas de 1980 – 1990, que acarretou uma volta coletiva de pessoas ao armário (Parker, 2019); assim como se tornou quase que um fantasma para a homossexualidade ao redor do mundo (Perlongher, 1987).

Contudo, o desconhecimento epistemológico ao sair do armário não significa necessariamente um aspecto negativo, mas uma posição de antemão desvalorizada, já que as relações estabelecidas nele são também perpassadas pela dimensão do poder (Sedwick, 2007); e que essa saída também pode resultar em um processo que contribui para debilitar crucialmente a cultura patriarcal em que todas as pessoas LGBTQIA+ se fazem presentes (Delgado et. al., 2016, p.123).

A saída do armário, no sentido de assumir a orientação afetivo-sexual, pode também trazer o surgimento de novos períodos de construções subjetivas, relacionais e processos de (in)visibilidade que, via de regra, tensionam por si só o contexto heteronormativo, inquiridor das regularidades relativas às sexualidades, expondo a negativa de sua naturalização e dando ênfase ao processo histórico pelo qual foi forjado. Esse tensionamento poderá possibilitar novos espaços, antes quase inexistentes, de visibilidade e principalmente de oportunidade para a constituição de redes entre iguais – ajudando a desestabilizar esse ciclo de vida opressor comumente caracterizado pelo silêncio,

solidão, anormalidade, desvio, segredos, doença, pecado, atos preconceituosos, discriminatórios, consequências psicossociais e pelo temor a represálias.

Nas palavras de Pérez Villaamil (2004), a constituição dessas redes entre iguais é de fundamental importância para a conformação de uma subjetividade LGBTQIA+, construída em relação consigo e com a comunidade; nas trocas de afetações, experiências e vivências individuais e coletivas. Entretanto, na ausência desses laços de pertencimento ou apoio entre LGBTQIA+ podem existir outros meios que acarretem modos de aproximação para que essa conformação subjetiva se dê, como os filmes, músicas, canais no *Youtube*, *Instagram*, entre outros recursos voltados para as discussões e/ou estudos sobre gêneros e sexualidades. Até mesmo as vivências às escondidas e sobre segredo, que sustentam a visão metafórica do armário, podem construir redes, todavia, não com as mesmas configurações daquelas pessoas que são assumidas.

Entretanto, não podemos incorrer no erro de perder de vista a compreensão metafórica do armário, mesmo sabendo que tal encontra-se limitada para analisar os fenômenos envoltos nele, ou supor que ela não tenha importância para a discussão político-acadêmica e para com o contexto psicossocial em que as pessoas LGBTQIA+ se movimentam político, teórico e afetivamente enquanto dissidências de gêneros e das sexualidades ou sociedade em si. Antes do entendimento epistêmico acerca do armário já existiam interlocuções políticas sobre ele que impulsionaram atos de resistência e revolta contra o sistema excludente, machista e heteronormativo que empurrara as pessoas LGBTQIA+ a viverem suas vidas na clandestinidade, guetos e outros ambientes privados e/ou afastados do meio social público.

Um destes espaços, frequentado por pessoas LGBTQIA+, era o bar *Stonewall* em Nova York, onde em 28 de junho de 1969 ocorreu uma revolta caracterizada por uma série de manifestações espontâneas e violentas contra as frequentes batidas policiais no estabelecimento, culminando em um ato de resistências que originou o tão conhecido levante de *Stonewall* (FRY; MACRAE, 1985); o qual perfaz tanto a história do movimento social LGBTQIA+ dos Estados Unidos quanto serve de inspiração, até então, para tantos outros ao redor do globo, como, por exemplo, a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Nova York e São Paulo.

Esse último, em sua 15ª edição, reuniu 4 milhões de pessoas para reivindicar o combate a LGBTQIA+fobia (FOLHA DE S. PAULO, 2011), e em sua 17ª edição, trouxe enquanto tema: “para o armário a gente não volta mais” (Vermelho, 2013), demonstrando assim, que o levante de *Stonewall* foi tão importante que suas reverberações pelo mundo estão para além da constituição de um marco histórico-político de visibilidade para a comunidade LGBTQIA+, ao passo que proporcionou um deslocamento do conceito de sair do armário, em voga naquela época⁶ e o realocou para o campo da luta política por direitos civis, construções individuais e coletivas para o seguimento LGBTQIA+; além de expressar a saída da solidão, opressão, e isolamento provocado pelo armário e

⁶ A presente expressão significava antes da década de 1960, a saída de uma moça do armário familiar e adolescente para adentrar o mundo adulto da alta sociedade (CHAUNCEY, 1994).

seus dispositivos de poder para com aquelas pessoas em *Stonewall* e tantos de outros contextos. Este fato corroborou e corrobora para a expansão do diálogo relativo à experiência do armário e à saída coletiva ou individual de pessoas não heterossexuais dele, no sentido de se assumirem e resistirem à parte das opressões que vivem diariamente.

Desse modo, o sair do armário, tornou-se uma expressão que passou a fazer parte do imaginário coletivo LGBTQIA+, vigorosamente centrada na concepção de orgulho; poderoso instrumento de mobilização política que surgiu no movimento negro e foi incorporada à causa LGBTQIA+ (Novo, 2015). Essa expressão, ainda na década de 1970, logo se constituiu uma palavra de ordem para as pessoas LGBTQIA+ (Conde, 2004); e na atualidade impacta diretamente na produção de agendas políticas e na dinâmica dos movimentos sociais LGBTQIA+, cuja centralidade evoca a conquista por direitos humanos, especialmente relativos às sexualidades e a liberdade de expressão.

Posto isso, “[...] esse orgulho – o *Gay Pride* – está em íntima relação com a manutenção e a ascensão de uma verdade sexual homossexual” (Silva Neto, 2010 p. 95), à qual está muito além das pessoas gays e se coloca na multicor LGBTQIA+ *Pride*; haja vista que tal expressão universal utilizada pelo Manoel Silva Neto, acima, não abarca e não dá conta de expressar o universo multicores do orgulho LGBTQIA+. Além do mais, outro fato que se faz preciso estar atento é que a concepção de orgulho precisa ser vislumbrada além da perspectiva da salvação em assumir-se que a perfaz; simplesmente porque tal visão reduzida pode e cria tensões discriminatórias e preconceituosas para aqueles que não detêm as condições ou não querem sair do armário.

Diante do exposto, é pertinente dar ênfase ao que Arthur Novo (2015, p. 67), afirma compreender: que tal concepção de orgulho possui uma “[...] dimensão coercitiva do discurso da visibilidade e do “orgulho” que compele a “se assumir”, produzindo um sentimento de impotência e culpa naqueles que não querem, não podem ou não conseguem abordar a sua orientação sexual abertamente”. Essa visão de Arthur Novo (2015), não anula a imprescindibilidade da condição ou sentimento de orgulho individual ou coletivo, nem o que tal construção representa para a comunidade LGBTQIA+, – principalmente quando são expressões coletivas de umas multiplicidades de vozes sociais nos atos de resistências e tensionamentos que tomam conta das ruas de muitas cidades do Sul e Norte globais, no intuito de reivindicar direitos civis e humanos –; mas, nos alerta sobre os perigos de uma visão unilateral sobre a concepção de orgulho.

Outrossim, faz-se preciso salientar também que o armário foi afetado drasticamente pelo levante de *Stonewal* e eventos dele decorrentes (Sedwick, 2007; Novo, 2015), o que nos demonstra que a visibilidade política e o sair do armário enquanto ato individual, coletivo e/ou político de resistência à opressão exerce um importante papel na vida de todos que escolhem dele sair, – e mesmo para as vivências daqueles que em algum momento necessitam voltar a tal –, pois esse retornar não significa dizer necessariamente retornar ao mesmo lugar subjetivo. Existe uma trajetória de aprendizados e de resistências construídas

no cotidiano por cada uma das pessoas LGBTQIA+, somada a de tantas/os outras/os ao decurso da história, que podem ensinar e contribuir para a sobrevivência de pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades, seja dentro, fora ou em constante movimentação no armário.

No entanto, faz-se necessário expressar que o *Stonewall* ou seu pós-evento não acabou com a relação de ninguém com o armário. Assim, Evy Sedwick (2007) salienta que:

Embora o movimento de liberação gay pós-*Stonewall*, predominantemente masculino, tenha tido uma presença política mais notável do que o lesbianismo radical e tenha apresentado novas imagens poderosas de pessoas e comunidades gays, juntamente com uma nova família excitante de estruturas narrativas ligadas à saída do armário, ofereceu poucas novas facilidades analíticas para a definição homo/heterossexual previamente ao momento da saída individual (Sedwick, 2007, p. 45).

Esse armário, de acordo com Megg Rayara de Oliveira (2020 p. 146), também “resguarda aquilo que não quer e/ou não pode ser revelado, [...] a respeito do pertencimento racial negro”, fato que corrobora com as palavras de Marlon Ross (2005), ao tecer uma contundente crítica à epistemologia do armário (Sedwick, 1990), afirmando que tal estudo se apresenta racialmente não-marcado. Isto é, pressupondo a existência da pessoa branca enquanto universal. Além do mais, esse intelectual também explicita que a teoria *queer* branca abriu mão de contribuições extremamente potenciais que poderiam advir das teorias de raça e classe sobre o assunto, em detrimento do armário (*closet*), enquanto princípio da experiência sexual; e não as incorporando na sua análise, mas apenas reconhecendo tais categorias invisibilizadas enquanto importantes, como fez Evy Sedwick (1990).

Outro fato é que para Marlon Ross (2005), a epistemologia do armário somente ganha sentido para pensar formas de dominações culturais, políticas e econômicas no ocidente. No momento em que o autor cita isso em sua obra, ele se pergunta, se Evy Sedwick (1990), por trabalhar apenas com textos advindos de cânones norte-americanos e europeus, poderia oferecer uma teoria que pudesse ser generalizada a outras culturas ou se os próprios afro-americanos presentes nos Estados Unidos estariam contemplados nas narrativas sobre a saída do armário. Contudo, de acordo com Ricardo Weimer (2021), em sua pesquisa que discute teoria *quare*⁷, dispõe a seguinte colocação:

Para Ross (2005), a questão não é se a perspectiva do armário se aplica – ela pode se aplicar –, mas sim se isso pode ser feito de forma independente de aspectos de classe e raça; afinal, qual é o significado de “sair do armário” quando se é um corpo negro, que já está previamente definido como não-normativo? (Weimer, 2021, p. 215-216).

⁷ Compreensão que representa a proposição de uma teoria *queer* racializada (JOHNSON, 2005).

E nesse momento é relevante informar que a pergunta acima citada é extremamente pertinente, nos deixando intrigados e inquietos, principalmente porque a literatura relativa ao armário e sua intersecção com as relações étnico-raciais quase inexistem; mas, é possível encontrar alguns poucos apontamentos a partir dos autores acima e de Kwame Holmes (2015), ao indicar que o armário tem funcionado historicamente diferente para negros gays no decorrer da história e que isso acabou impactando de diferentes modos a consciência política do ativismo negro gay nos EUA.

Portanto, se quisermos ter uma compreensão apropriada sobre tal intersecção no contexto brasileiro, se faz necessário realizar pesquisas que tragam para a cena do debate científico a experiência de pessoas negras quanto a saída do armário e problematizá-la com questões de classe, relações étnico-raciais, território, contexto onde as pessoas negras estão situadas e a literatura existente sobre o "segredo aberto". Como já nos assinala Megg Rayara de Oliveira (2020, p. 146), "[...] a pessoa branca não necessita do armário para afirmar sua identidade racial". Por isso, compreender esse fenômeno se faz preciso para pensar como é a experiência de negros LGBTQIA+ e suas reverberações com o armário.

3. Considerações finais

Por meio do debate proposto pode-se considerar que o armário tem despertado debates político-acadêmicos entre pesquisadores ao decorrer dos tempos, contudo, a grande maioria dos seus estudiosos não o vislumbra por meio de diferentes marcadores sociais da diferença para além da LGBTQIA+fobia e orientação afetivo-sexual.

Isso evidencia um armário racialmente não marcado e (re)produtor de pressupostos universais, a exemplo da existência de diferentes armários; como se existisse um dispositivo desse para cada grupo de pessoas pertencentes a sigla LGBTQIA+ ou demais públicos em que ele se faz presença formativa ou capaz de instituir descontinuidades na performance erótica e sexual.

Talvez, o mais coerente, fosse afirmar que o que existe neste dispositivo epistemológico são configurações diversas, constituídas e alicerçadas na multiplicidade das afetações, experimentações, vivências e entrecruzamentos interseccionais que ecoam na vida de cada pessoa que no armário habita, se resguarda ou por ele transita; podendo tais configurações, de cada qual, se aglutinarem ou não a depender do contexto onde tais indivíduos vivam ou das experiências nele tecidas.

Soma-se a tal consideração, as questões culturais, sociais e política de cada território em que o armário se faz presente, algo que não impossibilita que elementos dessa paleta multidivisa de sentidos e afetações possam se coadunar; entretanto, não comungamos da ideia que tais poderiam tornar-se universais, tendo em vista que as vivências das pessoas neste dispositivo não são dadas; elas se constroem, se modelam, fazem parte de um enredo histórico, cultural e sociopolítico em movimento, pois, não podemos nos esquecer que o armário é

um termo guarda-chuva que inclusive demarca um fenômeno epistêmico de conhecimento e regime de controle das sexualidades.

Desse modo, ao nosso ver, o armário não é gay, hétero, trans, nem uma experiência posta ou dada enquanto universal; e sim um dispositivo epistêmico capaz de regular o controle de vidas, inclusive LGBTQIA+, e construir para elas diretrizes conectadas a trajetória de vida de cada qual sobre as sexualidades; sendo ainda capaz de manter a existência de divisões binárias, como o público-privado, heterossexualidade-homossexualidade, conhecimento-ignorância (Sedwick, 1990; 2007); e não deixando de existir, independentemente de alguém estar dentro, fora ou se movimentando dentro dele.

O armário não é somente uma estrutura que produz opressão e sofrimento; ele é também trincheira, abrigo; cumprindo salientar, que suas configurações não se dão apenas para as vidas de pessoas LGBTQIA+. Conforme Gracielle Santos, Francisco Silva-Neto (2015) e Megg Rayara de Oliveira (2020), nele existem configurações postas para a cisgeneridade e a heterossexualidade; embora as pessoas pertencentes a esse recorte não precisem necessariamente do armário para resguardar a sua própria sexualidade. Entretanto, tal mecanismo pode ocasionar discontinuidades nestas performances eróticas, podendo o social facilmente classificá-las enquanto doentias e desviantes, como acontece com as pessoas que praticam *swing*, *bunkkake*, *culckod* e sadomasoquismo.

Outra questão, diz respeito, ao fato de que nem todas as pessoas LGBTQIA+ vão ter o armário enquanto um mecanismo regulatório e de controle da sexualidade, subjetivado ou representado de modo negativo; uma vez que, têm muitos indivíduos que preferem viver nele sem nem sequer precisar se assumir publicamente, mas tramando a partir dele experiências e articulações prazerosas. Isso ajuda-nos a entender, conforme explicita Letícia Nascimento, que o papel das movimentações sociais LGBTQIA+ é “[...] construir uma sociedade onde as pessoas se sintam mais confortáveis a sair do armário se elas desejarem, inclusive porque podem haver pessoas que desejam permanecer no armário” (ABRAPSO, 2021). Entretanto, vale destacar que esse viver não está isento de formas de opressões, preconceitos e atos discriminatórios.

Outro fato digno de nota em relação ao armário, aborda às questões étnico-raciais, pois em consonância com Megg Rayara de Oliveira (2020 p. 146), o armário também “resguarda aquilo que não quer e/ou não pode ser revelado, [...] a respeito do pertencimento racial negro”. E, se quisermos ter uma compreensão apropriada sobre o assunto, precisaremos dialogar mais com teóricas/os negras/os e com as experiências de pessoas negras em relação a esse dispositivo. Especialmente em virtude de a teoria *queer* e outras correntes que embasam e dão materialidade à maioria dos estudos sobre o armário se constituírem a partir de uma perspectiva universalista dessa experiência, não conseguindo necessariamente oferecer, abarcar, compreender, o debate das experiências dele entre pessoas negras; haja vista, que o armário sempre é apresentado por suas teorias como racionalmente não-marcado, refletido

apenas pelo olhar do gênero e da orientação afetivo-sexual (Ross, 2005; Weimer, 2021).

REFERÊNCIAS

ABRAPSO. Associação Brasileira de Psicologia Social. 1. Vídeo (1h57).

Feminismos, Estudos sobre Maculinidades e estudos Queer. Publicado por Abrapso, 2021. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=RAGn_oU8rs8. Acesso 4 nov. 2021.

ANPEPP. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. 1. Vídeo (1h50). **Educação e interseccionalidades em contexto de**

pandemia. Publicado por ANPEPP, 2021. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=aa860hJZ-D8&t=4673s>. Acesso 06 dez. 2021.

CARMO, Michel Sores do. **Pondo na roda as metapragmáticas do armário gay.** 2017, 128f. Dissertação (mestrado) – Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/3fe875be-89bb-4820-8550-1ac82dee0e8a>. Acesso em 14 Jan 2021.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual:** explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CHAUNCEY, George. **Gay New York:** Gender, Urban Culture, and the Making of the Gay Male World, 1890-1940. New York. Basic Books, 1994.

CONDE, Michele Cunha Franco. **O movimento homossexual brasileiro, sua trajetória e seu papel na ampliação do exercício da cidadania.** 2004

351f. Dissertação (Mestrado) – Sociologia, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Goiás, 2004. Disponível em:

<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/109/o/Michele.pdf>. Acesso em 12 jan 2021.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 21, n. 1, p. 241-282, abr. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2013000100014>.

DELGADO, Jaime Eduardo Barrientos; VEGA, Andrea; GUTIERREZ, Karen; ZAFFIRRI, Ivania; RAMIREZ, Pamela. Identidad sexual en jóvenes gay del norte de Chile. **Rev. Sex., Salud Soc.** (Rio J.) n. 23, ago. 2016.

<https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2016.23.05.a>.



FOLHA DE S. PAULO. **Parada Gay leva 4 milhões para a Paulista.** São Paulo, 26 jun. 2011. Disponível em encurtador.com.br/hipsH. Acesso em: 11 dez. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a História da sexualidade.** In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

FRY, Peter. MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1985.

HOLMES, Kwame. **What's the Tea:** gossip and the production of Black gaysocial history. **Radical History Review**, n. 122, 2015, p. 55-69. Doi: <https://doi.org/10.1215/01636545-2849531>.

JOHNSON, E. Patrick. **"Quare" studies, or (almost) everything I know about queer studies I learned from my grandmother.** In: JOHNSON, E. Patrick; HENDERSON, Mae G. (Eds.). Black Queer Studies. A Critical Anthology. London: Duke University Press, 2005. p. 124-160.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa:** A pessoa transgênera entre a conformidade e a transgressão das regras de gênero. Uma introdução aos estudos Transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

MARTINS, Daniel Arruda. **Os paradoxos da experiência do armário:** um estudo psicossocial. 2010. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Psicologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-98YHGC>. Acesso em 20 fev. 2020.

MISKOLCI, Richard. **A gramática do armário:** notas sobre segredos e mentiras em relações homoeróticas masculinas mediadas digitalmente. In: PELÚCIO, Larissa, et. al (org). Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 35-55.

MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. **Revista Estudos Feministas**, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 301-324, abr. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2013000100016>.

MISKOLCI, Richard. O armário ampliado – notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. **Gênero**. Vol. 9, n. 2, p. 171-190, 2009. <https://doi.org/10.22409/rg.v9i2.88>.

MOTA, Murilo Peixoto da. **Ao sair do armário, entrei na velhice...** homossexualidade masculina e o curso da vida / Murilo Peixoto da Mota. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

NOVO, Arthur Leonardo Costa. **O armário na escola:** regimes de visibilidade de professoras lésbicas e gays. 2015. 205 f. Dissertação (Mestrado) – Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/169619>. Acesso em 24 mai. 2020.

OLIVEIRA, Givaldo Moises. **Comecei a sonhar com homens:** a “saída do armário” vivenciada por homossexuais masculinos em suas interações familiares. 2019. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Foz do Iguaçu, 2010. Disponível em: <https://abrir.link/sbSAG>. Acesso 04 nov. 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **O diabo em forma de gente:** (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Salvador -BA, Editora Devires, 2020.

PARKER, Richard. Estigmas do HIV/aids: novas identidades e tratamentos em permanentes sistemas de exclusão. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. n. 13, v.3, p. 618-33, jul.-set. 2019.
<http://dx.doi.org/10.29397/reciis.v13i3.1922>.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues. “Na batida da concha”: Um olhar antropológico sobre homossexualidade masculina no interior do Rio Grande do Sul. **Sociedade em Estudos**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 9-19, 2007. Disponível em: [passamani pag 09.pdf \(ufpr.br\)](#). Acesso em 20 out. 2021.
PERLONGHER, Nestor. **O que é AIDS?**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROSS, Marlon B. **Beyond the Closet as Raceless Paradigm**. In: JOHNSON, E. Patrick; HENDERSON, Mae G. (Eds.). *Black Queer Studies. A Critical Anthology*. London: Duke 181, University Press, 2005. pp. 161-189.

SANTOS, Gracielle Malheiro do; NETO, Francisco Leandro De Assis. **Performances e sujeitos nos cordéis: saídas e entradas nos armários sociais**. Anais XI CONAGES... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/bitMP>. Acesso em: 12 dez. 2021.

SEDWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/UNICAMP, v. 28, p. 19-54, 2007. Disponível em: <https://encurtador.com.br/iuEI0>. Acesso em: 12 jul. 2016.

SEDWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the closet**. Berkeley: University of California Press, 1990.



SILVA NETO, Manoel Vaz da. **O armário da epistemologia, das imagens ao imaginário**: o homossexual como metáfora da doença e o gay como metáfora da cura. 2010, 186 f. Dissertação (mestrado) – Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7321>. Acesso em: 28 abr. 2022.

SILVA, Robson Aparecido da Costa. Tecendo discussões sobre o armário gay na produção científica. **Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 4–22, 2021. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/2553>. Acesso em: 23 mar. 2024.

VERMELHO. **Parada do Orgulho LGBT: "Para o armário a gente não volta mais"**. Brasília, 31 mai. 2013. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2013/05/31/parada-do-orgulho-lgbt-para-o-armario-a-gente-nao-volta-mais/>. Acesso em: 11 dez 2021.

VILLAAMIL, Pérez Fernando. Economía Política del Armario: políticas del silencio, políticas de la autenticidad. **Revista Psicología Política**, São Paulo, v. 8, n. 4, 2004. Disponível em: <https://encurtador.com.br/aityT>. Acesso em: 11 dez 2020.

WEIMER, Rodrigo de Azevedo. Alguém falou em teoria *quare*? Pensando raça e sexualidade a partir da crítica de intelectuais LGBTQIA + negres norte-americanes à teoria *queer*. Dossiê - Racismo e Relações Étnico-Raciais, **Rev. Bras. Hist**, v. 41, n. 88, Sep-Dec 2021. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v41n88-11>.

ZAGO, Luiz Felipe. "Armários de vidro" e "corpos-sem-cabeça" na biossociabilidade gay online. **Interface (Botucatu)**, n. 17, v. 45, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013005000005>.

Recebido em: 22 de março de 2024.
Aceito em: 19 de maio de 2024.
Publicado em: 02 de janeiro de 2025.